

ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 15/05/05

CHEGOU O NOVO ÔNIBUS PARA O ATENDIMENTO DA COMUNIDADE

14-05-2005



O PREF. JORDÃO, CARLINHO S<sup>tu</sup>. ANTÔNIO, FIOTE, MAX-GOLLO e moradores de D. Rios

FESTA PARA A RECEPÇÃO DE ENTREGA DO ÔNIBUS

VILA DOIS RIOS - 14/05/05. Um dia de sábado ensolarado, a festa começou na Vila às 8h quando, como tradicional acontece haver a concentração da população no ponto de partida da condução estacionada na porta da sede da Associação de Moradores, com a participação de crianças, rapazes, moças e adultos, com destino ao Porto do Abraão. Aliás, a festa começou no final do dia anterior com os preparativos e a Movimentação Populacional para ver a chegada do ônibus novo trazido pelo prefeito Fernando Jordão (PMDB) e comitiva, mobilizava muita gente. Quando chegamos ao local já era centenas de pessoas participando na entrega do ônibus, arrumado em março e abril passado.

Essa movimentação toda, uma série de fatores merecem destaque e certamente terão excelentes desdobramentos para o futuro no aspecto político de amadurecimento da relação social da região entre órgãos diretamente ligados ao público: Associação-Legislativo-Executivo municipal e estadual.

Depois que o ônibus foi desembarcado e os visitantes dando toda atenção aos moradores, o Casarão ficou pequeno para as muitas pessoas e autoridades que vieram compondo a Comitiva. Primeiro o Sr. Prefeito concedeu uma reunião geral, no interior do Salão Social, sendo que um a um formava a Tribuna de Honra para discursos. Em seguida o chefe de cerimônia anunciou no microfone a segunda chamada desta vez cá fora para novos discursos voltados à Vila Dois Rios, tendo-se colocado bem ali a frente a vista de todos o novo e lindo microônibus ostentando uma faixa grande de agradecimento do povo da Vila Dois Rios a governadora Rosinha Garotinho, prefeito Fernando Jordão, Cmt. da Polícia Militar e colaboradores. Logo, o Sr. representante da governadora Rosinha Garotinho foi citado a discursar para em seguida o vereador Elias José Rabha do (PMDB) - este fez questão de apresentar menção pela comitiva às boas vindas de

de todos ali presentes. Lembrando que mais uma vitória foi possível graças à união de muitas pessoas, e esforço desde autoridades até aos próprios moradores ali presentes representantes de associação como exemplo citou o Sr. Nunes e o Sr. Lupércio. Carlos Pinheiro do (PMDB) agradeceu e fez uma deferência especial ao prefeito voltado às questões sociais Fernando Jordão (PMDB) que estava ao seu lado pronto para falar ao público. Porém, antes, ele reclamou da lentidão da visita que ainda estar por fazer à Vila Dois Rios e garantiu que na próxima fase de visitação, ele subirá até ao local desse povoado tão comentado. O prefeito reeleito Fernando Jordão discursou em seguida e no final foi rompido por calorosa salva de palmas. Ele aproveitou o momento da entrega do ônibus para efetuar o anúncio que, a sua preocupação agora é com a estrada. Em seu discurso fez um rápido balanço do seu empenho afirmando que grande interesse do seu governo está voltado para esta região do município, em especial Abraão e Dois Rios, não fugindo em momento algum ao que prometeu executar, em sua posse no dia 2 de janeiro, um governo técnico e eficaz em defesa dos mais necessitados. Explicou logo na abertura do seu discurso o que significa para a região os valores históricos que ele busca na cultura de Angra, tomando como exemplo o Hino executado momentos antes, incorporado na sua Campanha Política e, que é um dos Hinos de Angra, elogiou a beleza da letra encontrada depois de muitos anos nos arquivos, o que já havia sido observado pelo senhor Lupércio quando ouvimos tocar — disse Fernando. Entre esses valores que ele busca estão as comunidades, cujo, fazem parte de projetos da Reforma Administrativa para o início de um trabalho igual a este de hoje, de atendimento ao morador. A prova da soma desse esforço estar aí e agradeço a governadora Rosinha que deu o ônibus; o comandante da Polícia Militar

ajudou muito; ao Max-Gollo que levou o ônibus lá para a garagem da Bonfim e reformou por completo; a Petrobrás, também, tem me ajudado muito e por fim o Estaleiro Verolme fez o transporte até aqui. Esta soma de todos nós para atender os pedidos das comunidades. Todos os meus secretários têm contribuído para que tudo dê certo neste governo — disse.

Com 4 horas de duração a cerimônia contou com a presença de diversas autoridades, como o representante da governadora Rosinha Garotinho, José Cláudio, Coordenador Regional de Integração Governamental. Durante a visita o prefeito esteve sempre ladeado, conforme manda a determinação legal pelo vereador mais votado do município e presidente da Câmara pelo segundo mandato para o biênio 2005/2006 Carlos Pinheiro do PMDB ou Carlinho Santo Antônio e Elias José Rabha, também do PMDB, o Fiote; estiveram presente um bom número do Secretariado começando pela personalidade: - Chefe de Gabinete João Massad Neto, Fazenda Nicodemo de Amorim, Obras e Serviços Públicos Cláudio de Lima Sírio, Educação Stella Salomão Corrêa, Saúde este não pode comparecer mandou representante, Cultura e Esportes Marcos Vinícius Barbosa, Defesa Civil Carlos Alexandre Soares, Comércio e Construção Naval não pode comparecer mandou representante, SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) Carlos Alberto Marcatti D'Azevedo. E veio, também, na Comitiva a grande personalidade do empresariado de Angra - homem humanitário que demonstra ser o Sr. MAX-GOLLO dono da Viação Senhor do Bonfim, cujo a sua contribuição foi fundamental pela mão-de-obra técnica da montagem e materiais. Destinados a colocar hoje o ônibus em circulação na Ilha Grande.

Segundo, Fernando Jordão a Prefeitura nada gastou em termos de números que representa ônus. A governadora Rosinha deu o ônibus, o Max-Gollo da Viação Bonfim montou e o Estaleiro Verolme transportou, — Palavra.

Quanto ao reconhecimento da popu-

lação da Vila Dois Rios ao Prefeito Fernando Jordão pelo que tem ajudado, pode dizer-se que o atendimento do início do ano. Fornecem do peças de reposição dos transportes coletivos, combustível, apesar de terem sido definidos de acordo com as necessidades, com poucos dias de antecedência a partir da evidência ou da excassez, vem agradando em cheio e tem sido elogiado. Hoje com a entrega de uma nova viatura coletiva e o encontro com a Comitiva traga bons frutos a melhorar o reconhecimento. Tudo isso faz com que seja previsível o planejamento da vida cotidiana e o novo presidente da Associação possibilitará fazer seus reajustes.

O atendimento foi tão bom que espera-se um escoamento como o melhor dos bons tempos em números de viagem semanais e para tal assunto a governadora Rosinha enviou para tratar de todo o esquema, através do Cmt. da Polícia Militar o prefeito que aqui esteve com o Major Maurício.

No aspecto administrativo da comunidade, além do novo presidente da Associação, a comunidade deve escolher em listão duplas elaboradas pelos setores os titulares de cargos da diretoria, agora há duas chapas distintas. O trabalho elaborado pelos candidatos, com maior habilidade para a relação entre comunidade e a máquina administrativa do município tem sido algo de elogio e certamente funcionará para transformar Vila Dois Rios em um povoado de referência de melhorias sociais de Angra, tanto é que uma chapa ou outra se eleita, já pediram e obtiveram apoio da população para unir na utilização de um módulo, único semelhante nas duas últimas inovações administradas pelo Sr. Lupércio de Albuquerque que vem recebendo apoio do prefeito Fernando Jordão e de Carlinho Santo Antônio (PMDB).

Com a eleição da nova diretoria, em vista, composta pelo Ezequiel e dona Maria Tereza Lara, que puxarão para si grandes nomes da Vila Dois Rios, como Ribamar e Lupércio de Albuquerque, tem tudo para receber, também, o apoio do prefe-

to e dos vereadores Fiote e Carlinho Santo Antônio.

Projeto - a Associação deverá ter dois anos e três quartos do período destinado a aprovar e por em prática alguns destes projetos comunitários de porte considerado grande para a Vila, entre os quais a ser escolhido pode ser o cerco da pesca, ou a quadra de esportes, ou a biblioteca comunitária, ou o campo de futebol e, ou sanear o lado esquecido da Vila, onde se tem o maior número de moradores próximo da encosta da montanha, que deverão marcar a concretização de sonhos do vilarejo. Saúde e educação já funcionam de modo aceitável, pode continuar assim mesmo.

Gostaria de registrar aqui neste Jornalzinho da Vila Dois Rios, dito como "A Redação da Vila" que, sem dúvida os últimos meses serviram para marcar - o fato de que alguns personagens da nossa política com grande liderança tem sido de maneira incontestemente conhecidos entre nós. Partindo das urnas em meio a uma eleição, sem dúvida, difícil, vereadores como o líder do PMDB Carlinho Santo Antônio, e

Fiote, pela ousadia política e fidelidade tiveram papel preponderante no aspecto político. E, da liderança do prefeito basta frisar que o Sr. Fernando Jordão foi o ganhador da aprovação das urnas, com mais de 70% dos votos, o que o colocou percentualmente entre os políticos brasileiros a nível nacional, com maior aprovação da sua população.

Desta maneira, Angra dos Reis se propõe a viver a partir deste ano a realidade do progresso cada vez mais crescente, com a certeza da melhoria da qualidade de vida de seus povoados lutadores, também a certeza de que todos certamente terão objetivo comum - de ajudar o progresso e bem-estar social da região. Embalados naqueles Hinos de ontem, ouvidos sob chuva de palmas. O Hino Nacional e o Hino de Angra executados na Cerimônia da entrega do ônibus à comunidade da nossa Vila Dois Rios, resplandece na minha cabeça até hoje. Obrigado Sr. Prefeito. Obrigado Sr. Major Maurício. Obrigado ao empresário Max. Obrigado por fazer-me ouvir hinos que falam pelos senhores e moradores.

**Expediente**

ÍNDICE	PÁGINA
NOVO ÔNIBUS	01
A ENTREGA DO ÔNIBUS	02
A VILA DEPOIS DA IMPLOSAO	05
A FÉ SE RENOVA	07
MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA	08
SONETO, VELHAS PALMEIRAS	08
ENQUANTO EXISTIR HERÓI	09
HISTÓRIA DE CADEIA	12
OBITUÁRIO	13

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hota-ir, Rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.

**Editorial:**

**VOLANTE e DILIGÊNCIA**

São termos bastante lembrados entre a geração atual que vem do meado do século XX, a tendência é cair no esquecimento dos jovens, principalmente, dos que estão chegando neste início de milênio. Em tese, - é movimento do meado daquele século, onde havia toda uma encenação e com personagens próprios, que cultuavam sabedoria, um ofício e suas próprias vestimentas. Se fosse explorar esse lado da história, usaria ascensão aos caçadores de fugitivos nas cortes da Ilha Grande. Serviço do qual participei, apreciei de perto, vi quem foram aqueles homens que mereciam encenação cinematográfica. E o que ficou foram seus mitos. Não dá para incultir neste verbete: um Movimento Cultural Carcereiro Regional. Bom volante tinha um rasgo de sabedoria e rasava a sua arte. Neste campo eram artistas. Ninguém melhor do que o Volante para conhecer este pedaço de terra-a ilha. O seu povo a sua disseminação.

de 2005

A Vila Depois da Implosão do Presídio



A CAIXA D'ÁGUA e uma parte do ANEXO, resistiram a implosão, abril de 1994

A Penitenciária Cândido Mendes, depois da implosão, se tornou uma clareira no meio da paisagem radiosa — a Vila Dois Rios, nunca mais voltou a ser a mesma — se apresentamos o conjunto urbano deixado pela penitenciária: tendo defronte o galpão que lhe serviu de depósito, Pátio (em alusão ao lindo mangueiral, todo em linhas diagonais), Alojamentos e o Velho Pomar da Colônia do Distrito Federal, do outro lado do rio, devemos expor entre outros, os últimos problemas, do perímetro que concentrava o parque prisional até os seus últimos dias.

Na melhor das hipóteses diante do quadro maravilhoso da natureza, encontramos os escombros que é um tristíssimo contraste. Repito — "Uma clareira brutal que se abriu na paisagem radiosa" deste lugar escondido do mundo. Da Vila, cabe dizer que ela se tornou sem graça, as casas se tornaram feias. As ruas sujas. O conjunto exaspera. Tudo conspira contra o povoado, pelo o que me parece, infeliz. Aliás, tudo não posso afirmar porque o clima. É um conjunto de con-

dições meteorológicas ameno, de sol ardente, porém triste, as montanhas que a cercam e a encantona e a sufocam, o chão úmido, a vegetação verde o ano todo, paul onde ela se assenta, o desasseio gerado pela falta da penitenciária, faz o homem sorrir das lições deixadas pelo bárbaro prisioneiro, que aqui cumpriu a sua pena, trabalhado e zelando como nunca em qualquer outra região do nosso Estado do Rio de Janeiro.

Na madrugada da implosão a Vila Dois Rios ainda era alegre e, admirável agrupamento de casas mais ou menos acomodado, ordenado, lindo limpo, atendendo aos vícios e aos preconceitos da velha Colônia Penal. É verdade que hoje, também, existe a paisagem, que continua sendo linda, cenário cheio de magnificência e grandeza, mas, quando o homem deixa o pitoresco do mar, a docura da montanha, o encantamento da floresta e ingressa no seio da povoação merencória, revive, fatalmente, a era de atraso em que jaz por muito mais de dois séculos e da qual, com mais de um século e meio de emacipação poli-

tica, não consegue, ainda, completamente libertar-se.

Penetra-se no século da informática e ainda estamos em plena morrinha colonial. Em 2005 é o que foi quando o Brasil albergava o coroado do Sr. D. João VI. E o advento do Presidente Rodrigues Alves e Osvaldo Cruz, quando se transforma esta região, então, morfética em édem malhavihoso só, fonte pura de beleza e saúde, canalizando a febre amarela de: americanos, ingleses, italianos, alemães, que aqui chegavam à Prainha Preta. Ah! A Vila Dois Rios do tempo dos Presidentes: Getúlio Vargas, (1930); José Linhares; Eurico Dutra, Café Filho, Nereu Ramos, Juscelino Kubitschek, Janio Quadros, Ranier Mazzilli, João Goulart, Castelo Branco e Costa e Silva, (1967).

Era rica a Vila. Sobre isso não há dúvida. Os seus nabores, porém, andavam de tamancos, cruzando o patio ariado, habitavam em seguras celas sem a menor sombra de grude e desconforto, eternamente desconfiados e maldizentes das mudanças havidas já naquele tempo. Quando morriam, quase sempre comendadores, deles se diziam, entanto, que foram os pioneiros do progresso desta região e a quem devemos aquilo que hoje somos. No entanto, não temos uma só rua digna para mostrar ao povo brasileiro ou ao estrangeiro, um prédio público notável, uma grade, uma cela, uma boa ala. Possuímos a cordilheira do escombro, que formou com a implosão, a gaiola de lajes, que engastou, as polainas dos nossos ex-tudo hoje aposentados, e umas duas casas de varejo que ainda sobrevive, à rua da Praia e um casario sem graça. Desconhecemos, quase por completo, hábitos do nosso folclórico.

O turista que vem à Vila Dois Rios, muita das vezes aqui nem desce à terra baldia, do veleiro em que viaja, contenta-se com vê-la longe, no quadro magistral da natureza, que não se estragou, porque, além de feia e desinteressante, a Vila é um perigoso foco de traçoeiras serpentes e mosquitos.

Precisa-se tomar medidas sérias, providências capazes, senão de retomar a urbanização, por completo, pelo menos de melhorá-la bastante. O problema torna-se muito sério, porque não é só de saúde e de beleza que carece a Vila do Povoador de Dois Rios na Ilha Grande porém, dos mais elementares serviços, capaz de apresentá-la como viação moderna: O tráfego já ameaça cessar na parte central da estrada, dédalos de sendas e fossos sujos e malcavados, fendas onde mal penetra a luz do sol e pelas quais o pequeno veículo do transporte de moradores; alunos; professores e serviços, deterioradíssimo, transita em duas ou três marchas, pula como um buscapé, os passageiros sacolejando pelos bancos magros e tranco de cabeça no teto, entre buracos de todo tamanho, pedras, lama da chuva e o condutor destemido e astucioso sobe ziguezagueando a ladeira.

Tudo por aqui necessita ser transformado ou, quando não, enormemente melhorado.

Outro fator que nos entristecem: são as linhas de eletrificação penduradas de mato, são nuas e recobertas desses galhos retorcidos, cipó enrolados, a folhagem úmida as esticam com o peso, forma depressões e barreira de obstáculo, tal embaraço contribui, tanto para a queda da energia, quanto para a interrupção das comunicações deixando a Vila, ainda mais ilhada, principalmente nos dias de chuva ou vento, que são abundante nesta região. Pior do que a escureidão são os prejuízos dentro da geladeira de gêneros da primeira necessidade.

Contudo são, as providências, mínimas. A Vila, na alvorada do século XXI é o que tinha sido a cem anos atrás. Um abandono. Os próprios prisioneiros da época, aqui não se sentem bem. Bom será, entretanto, não aceitarmos a realidade, para explicarmos as razões de tão grande desconforto e desmazelo. De que te serve o quadro da Mãe Natureza, amiga e potentosa, a luz do sol, a beleza do monte e da folhagem que meus olhos alcan-

2006

çam, se a obra do homem aqui entorno de mim, ofende a obra linda de Deus! Ofende e a tu humilha.

A saúde da Vila, ainda é igual aquela de cem ou duzentos anos atrás: A mais moderna administração, em tempos tão presente, deixa dúvida se as imudices que se conservam dentro dela, são ou não causas de doenças, tanto que desse assunto faria uma série de quesitos

se fosse entendedor do assunto, o que poderia ser tema de discursão na comunidade, se bem que requer o tema central comissão de sumidas médicas. O que não existem. E se as existissem, essas sumidades ao responder, com certeza, pintavam a realidade sem o menor reбуço, a miséria que isto é, por aqui por tão tristes e tão distanciados tempos.

A FÉ SE RENOVA

A PASSAGEM DO PADRE HORÁCIO PELA VILA DOIS RIOS

Aqui tudo estava indo muito bem, quando derrepente aquele problemão na Igreja de São Sebastião na Vila de Abraão. Não sabemos o certo, só temos conhecimento de um terrível desentendimento entre os fiéis daquela igreja envolvendo o padre. Seja lá qual. Foi uma grande perda para Vila Dois Rios que, já estava começando a renovar sua fé com Horácio a frente do nosso encontro mensal. Sempre na segunda-feira da segunda semana de cada mês, ele vinha aqui nos encontrar e passava para nós aspiração de conforto espiritual da Religião Católica.

Na última vez que estive aqui na Capela de Nossa Senhora Mãe Protetora dos Homens, deixou marcado um "encontro da comunidade" que seria realizado no dia 27/04/2005, pela manhã, na Capela da Vila de Abraão, se não engano-me chama-se São Sebastião, para muita gente que viriam de longe, de diversos povoados da região, iguais a nós mesmos, fascinadas com a re-organização da Fé Cristã nas capelas de suas localidades.

Esse encontro contava com a presença de quase todos os vilarejos representados pelos respectivos missionários que, ganhariam a partir de então, competência, a de prosseguir no trabalho de difundir a fé em cada bairro da ilha. O que precisavam de tempo para se conhecerem e, fazer com que seus



objetivos identificassem as características e as irmandades, inconfundível, de cada um povoado, precisando de preparativos para ajudar compreender a evolução do mundo atual, apoiado sobre as diversas partes da divisão da sociedade. Como exemplo pode se citar os protestantes, animistas, pagãos e ateus. Em cuja região vivem em necessidade material e espiritual. Causa essa, da incerteza que, por efeito leva muita das vezes o homem, correr de um para outro apego da fé.

À estas partes o que pode se fazer - é dar-lhes um chá de humildade para modestamente uni-las, a dignidade com que as conceda os estatutos de batizados, filho de Deus e, da Igreja que amam. Com a presença do padre Horácio que estava tornando-se um guia e trazia mais uma vez o fascínio da religião nestes povoados. Onde ia, incansavelmente, percorrendo os caminhos para levar a sua palavra forte de orientação, de luz e de Fé.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOSMOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA

Mensalidades recebidas de agosto à dezembro do ano de 2003:		Despesas de agosto à dezembro do ano de 2003, com Notas Fiscais e Recibos arquivados na Associação:	
Agosto	R\$ 0.214,00	Agosto	R\$ 0.369,27
Setembro	R\$ 0.200,00	Setembro, não houve despesas.	
Outubro	R\$ 0.260,00	Outubro	R\$ 0.138,65
Novembro	R\$ 0.270,00	Novembro	R\$ 0.256,52
Dezembro	R\$ 0.100,00	Dezembro	R\$ 0.052,72
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 1.444,00</b>	<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 0.817,16</b>

Mensalidades recebidas de janeiro à novembro de 2004:		Despesas de janeiro à novembro do ano de 2004, com Notas Fiscais e Recibos arquivados na Associação:	
Janeiro	R\$ 0.150,00	Janeiro	R\$ 0.212,00
Fevereiro	R\$ 1.590,00	Fevereiro	R\$ 2.302,49
Março	R\$ 1.100,00	Março	R\$ 0.124,02
Abril	R\$ 0.100,00	Abril	R\$ 0.420,17
Maió	R\$ 0.350,00	Maió	R\$ 0.538,57
Junho	R\$ 0.400,00	Junho	R\$ 0.290,15
Julho	R\$ 0.190,00	Julho	R\$ 0.194,38
Agosto	R\$ 0.320,00	Agosto	R\$ 0.084,73
Setembro	R\$ 0.120,00	Setembro	R\$ 0.116,13
Outubro	R\$ 0.240,00	Outubro	R\$ 0.272,19
Novembro	R\$ 0.390,00	Novembro	R\$ 0.447,88
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 4.950,00</b>	<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 5.002,71</b>

Responsável pela Tesouraria, LUPERCIO DE ALBUQUERQUE. Dados extraídos do Balanço, aprovado pelo Conselho Fiscal e o Sr. Presidente.

S O N E T OVELHAS PALMEIRAS

Vê estas velhas palmeiras! Mais belas,  
Do que as palmeiras novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das grandes procelas.

O homem, o comboio e, o espólio, passaram livre a sombra delas,  
Animal, inseto, na entre-casca delas vivem livre de fome e fadigas,  
Em suas sombras abrigam-se as cantigas,  
Ninhos e, os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigos, a mocidade!  
Envelhecemos rindo! Envelhecemos com coragem  
Como as palmeiras fortes envelhecem.

Na glória da alegria e da bondade,  
Acolhendo os pássaros na folhagem  
Ramagem e frutos dando sombra e consolo aos que padecem.

03 de julho de 1995



de 2005

ENQUANTO EXISTIR HERÓI A VILA NÃO MORRE



É cansativo e cronicamente perturbador o atendimento de um sistema

de ônibus da população da Vila Dois Rios, em constante formação de molhoroamento e tentativa de manter processos de solução.

Aquela viagem do dia 18/02/05, ficou marcada para sempre, a estrada da Colônia de Dois Rios estava deserta de mais e, nós dentro do ônibus velho numa sonolência, quase meditando, numa grande paz dos antigos moradores que povoaram esses rincões de terras de extintas prisões. Ficamos pelo menos sem uma boa condução para a nossa solução. Passava-me isto na imaginação.

O recanto hoje é feito de silêncio, aragem, assovios de aves, gritos e ecos vindos das montanhas. Um calor brutal nos atinge e lembra o sol do janeiro que se apagará. A tarde nos persegue, afinal, na queda do dia é que, por certo morrerá envolto numa grossa mortalha, cheirando mato e vento do mar.

Neste dia regrassava uma lotação do ônibus de moradores, vinham do Rio de Janeiro, da Cidade e municípios. Antes de continuar a viagem à Vila, demoramos muito tempo no Abraão. Aguardamos a Ordem do Dia. O Sr. Comandante da Polícia Militar desta região, ali surgiu e no início da tarde deu uma solução ao nosso caso — permitindo do ao Osias dirigir o ônibus na falta do outro motorista.

Na boca do declive existe sob a ramaria o esconderijo de um velho britador das pedras que crava a estrada. Estrada que leva ao povoado lá embaixo. Povoado quase já sem vida, meio largado, abandonado, linhas gerais de uma rara beleza. Diviso, então, além das curvas do Jaburu. O herói deste dia, com a gente dele. Quase sem esperança. A Lotação comentando a "Ordem do Dia".

Então, vejo o motorista e penso: — "Enquanto existir herói a Vila não Morre". Nem sei quem conquistou esses debates em reunião. Em defesa, talvez, dos belos montes verdes, ou dos seus habitantes que, aqui se encontram, alguns, há mais de 50 anos. Vindos incertamente, ninguém sabe exatamente donde, com certeza são gente con-

cernentes aos primeiros guardas, cujo, fizeram as primeiras moradias, os primeiros povoados, numa progressão silenciosa; porque toda a história deste rincão é um vasto misterioso, sem avanço. Sabemos, somente, que muita gente vieram com os presídios de toda parte do País parar nestas terras e, aqui ficaram como nós e aqui também, morreram.

Nós não sabemos direito: o que vestiam, o que pensavam, que sonhos tinham, o que comiam pelos caminhos escuros das selvas, se amavam uns aos outros, ou se eram como os povos de hoje. E, as suas mulheres e filhos que fim levaram? E, que parentela deixaram, para o povo atual? Eis, aqui alguns dados sepultos que, alguns desses conferentes jamais revelará, completamente.

Sabemos, apenas, que chegaram com a fazenda e com as prisões e seus esquadrões. Cumpriam ordens régias, muito diferente dos soldados atuais. Que são, apenas, funcionários militares, que nem sempre chegam na hora certa, nem para ser o motorista daquele dia e, com isso obrigou o seu Comandante colocar um aposentado em seu lugar. Paul para toda obra, herói e valentia a parte. Soldados de antigamente eram assim mesmos. Traziam apenas, facas e arcabuzes, calças largas amareladas e camisas de algodão. Enquanto as mulheres trajavam com seus vestidos de pano singelo costurado em casa, algumas joias de ouro, com certeza, e nada mais.

Esses mesmos habitantes, não tinham quase nada, mas na certa, tinham a terra e a fome do cultivo familiar, de encontrar quadras férteis, onde os invernos de ano em ano crescia o verde de dia, e de preto a noite, a luz era o luar.

Tudo o que queriam eram alqueres e alqueres dessa vegetação. Triste torrao, que do verão adoroso vivem os veranistas. Agora, vêm adorar e discutir um lugar ao sol, ao lado do morador que, divide espaços nas casas, nas praias, na estrada apertada que, já foi larga e comprida.

Estrada! Que estrada? Ônibus! Que ônibus? Motorista! Que motorista? Buracos, Pedras e herói. Todos somos heróis do regresso. Tudo neste momento é levado pelo heroísmo de ser quase sobrevivente do tempo que um dia foi cárcere, fazenda e, se apresentarmos foi muito mais do que isto.

Regressar, porém, o período mais crítico é durante a alta temporada, que se apresenta de outubro a fevereiro, na Vila Dois Rios. Aumenta o número de visitantes para o nosso sofrimento que é um só. Corre que para suportar a demanda cada administração do povoado aprimora a sua infraestrutura.

Contudo, precária, porque não encontra suporte estadual, além do amparo municipal. Um (01) microônibus e duas (02) picapes toyota, graças a grande capacidade de resurreição sobrevivem a muitas quebras, na ligação que fazem entre Dois Rios e o terminal de saída em Abraão com cerca de 11 (onze) quilômetros de extensão, conduzido por motorista militar da ativa, — contrariando, somente hoje, a norma que foi quebrada, pois, a mesma, nunca permitiu um motorista da reserva exercer a função numa viatura militar, isto é o que sabemos de tal disciplina. Se autorizado pelo senhor comandante. Economizaria soldados da guarnição a cada turno do policiamento.

A reunião de moradores prosseguiu, quando veio a ordem, o pessoal da Vila pacientemente por natureza lhe fazia vistas esperançosas. Autorizada a condução que fazia o regresso nosso, subiu preguiçosamente a ladeira sem fim. Vim com a máquina fotográfica pendurada no pescoço para compor o tipo esportivo que levava na viagem de regresso à casa. Todos nos. Mas não sabia o que fotografar, nem tinha o que disparar, nada sabia, quando derrepente, um estalo, surgiu a vontade. Marcava apenas o momento de galgar o cume, representado pelo inferno do barulho, insaciável de uma máquina e, de outra forma a do tempo que perturbava o bem-estar da gente desde as primeiras horas da manhã, até ao último suspiro da tardinha.

Mas o que nos fizemos acordar com as galinhas foi o motivo mobilíssimo e, não apenas a perturbação de quase gastar um dia para chegar a Vila Dois Rios, — viagem barulhenta, cansativa e terminar dentro de um buraco desses da estrada. Mas fazer o que? Vida de morador deste lugar é curtida assim mesmo. Cujo, de vez enquanto, faz um passeio aqui dentro deste martírio, passando de buraco em buraco, subindo e descendo pedra, afinal, viajamos muito satisfeitos. Deslumbrados, com a atitude do Sr. Comandante.

Fiz-me naquele momento de cronista da Vila Dois Rios localizada lá no sopé da montanha. Alguém disse a furto, eu ouvi a ironia, não dei a mínima: "Catar letras". Dirceu da novela, referia com certeza a "Senhora do Destino". Carreguei minha fotográfica, uma métrica de poucos recursos, meti-a embaixo do braço (para vêem que não era mentira) e andei até ao meio da Estrada Famosa, já na dobra do Velho Guerreiro (britador). A medida que ganhava o cominho, apeando do gênio, indo à frente, onde fui crikar, crikei duas vezes, ouvia o barulho dos passageiros agitados que, esperavam-me e faziam comentários repercutindo cada vez mais alto pelas janelas da condução. Ali meia-vai-não-vai e, rosnavava como touro brabo querendo voar na chibata.

Lá dentro um: "êeeeeeeeeeeeeeeee", aquele monte contínuo de fonemas emitidos por 25 ou mais pessoas em punibilidades. Sei lá, naquele momento, rasou dizendo uma sentença de morte. Tremi. Tomei distração. Poderia ser que estivessem contrariados. Recobrimos o caminho. E, aí começou a viagem da descida. Passamos pelas "duas irmãs" que têm a leveza de uma libélula pousada numa exuberante aste do seu pomar, — (um lindo monumento de pedras gigantescas), recoberto de tantas bromélias e samambaias penduradas, formando uma cortina de renda. Pena! Não a vemos melhor, das janelas do ônibus pilhado, tomamos o rumo da colônia, foi inútil olhar para aquele lado, o vapor que triscava como chuva pelos

vidros impedia qualquer tentativa.

Em seguida os passageiros passaram a contar a vida quando era ainda semirural, do tempo em que havia na beira da estrada uma porção de casas e espaços entre elas — diziam que os moradores cultivavam-se lavouras familiar e criavam animais. O ambiente se transformou numa comunidade invisível, tudo muito presente, vimos as casas de fulanos e beltranos. Até, a do Pedro ele próprio mostrou-me. E foi indicando, que plantou ao lado de baixo do terreiro uma soca de

bambú amarelo, cujo, se transformou no bambuzal. Passa rodando e marcando a tese. Extinta comunidade na beira do velho estradão deserto.

A comunidade não tinha nada de ruralista, muito embora fosse conservadora, trazia um preconceito a quem vinha do Rio visitar os prisioneiros. Se fosse gente da favela, desconfiava logo de prostituta, vagabundo, ladrão ou qualquer adjetivo mesquinho violento.

Mas, a Vila era boa. Não precisava de heroísmo nenhum, bastava ter a permissão da repartição...

### HISTÓRIA DE CADEIA

#### A Penitenciária Cândido Mendes

Era inicialmente um prédio central, cercado por várias pavimentações como: oficinas, cozinha, padaria, caldeira, almoxarifado, administração, ambulatório, enfermaria, necrotério, corpo da guarda (composto com seção de segurança, Vigilância, disciplina, alojamento, dormitório, sala das armas, central de comunicação e sentinela onde ficava o mastro da Bandeira da Instituição asteadada indicando a presença do diretor no interior do Estabelecimento, principalmente no gabinete despachando com acessores: como chefes de serviços, seção e setores), sem falar no cinema; mais tarde em 1978/1979 foi concluída as obras do outro prédio. Era o prédio anexo construído com requinte de segurança máxima para prisioneiros de alta periculosidade com o corpo da guarda nos mesmos modos das prisões modernas.

A arquitetura do prédio possuía todas as paredes de tijolos maciços com duplas fiadas numa potosidade espantosa (1m) de largura na base. E laje da época, 30cm de concreto e ferro da meia polegada, de grossura. Um vão central de escoamento, para multidões de prisioneiros, como também para funcionários que ali trabalhavam, iam e vinham por escadas do térreo

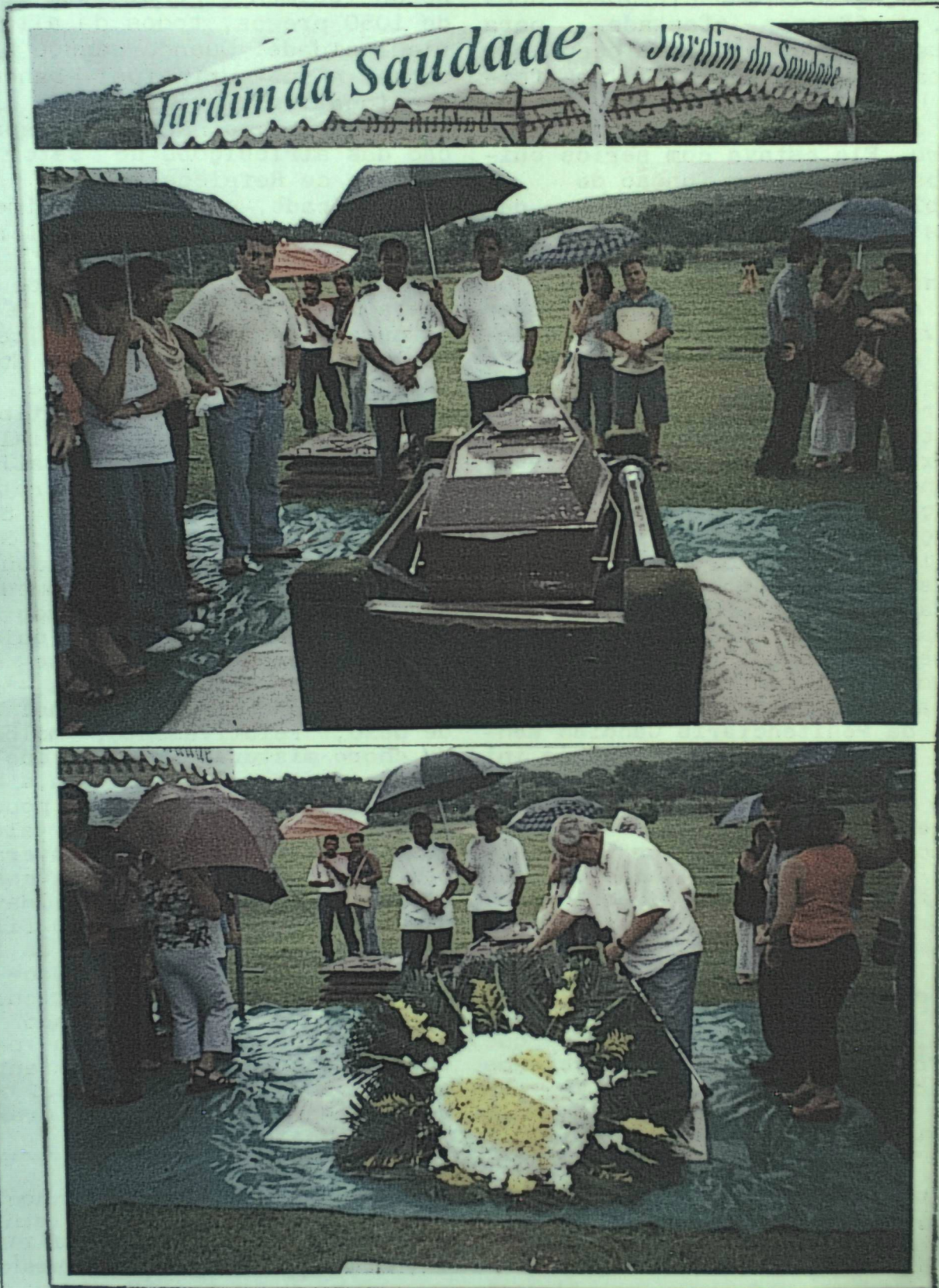
ao terceiro andar, sem passar por entre os presos. Eram saídas para a segurança dos funcionários e dispunha de outras para cada uma das galerias dos três andares. De maneira que havia o livre escoamento de grupos inimigos, desde o portão do pátio posterior, onde os presos iam à recreação quando permitidos, senão, ficava trancados na galeria aguardando o dia passar, para a noite ser novamente trancado na cela.

Outra coisa que muito impressionava ao sujeito era as oficinas da Cândido Mendes, deferentes das de hoje existentes nas construções modernas das cadeias do Rio. Isto por que eram locais de trabalho confinado a um pátio ao canto ou fundos, hoje não, são geralmente no interior do prédio da prisão. As oficinas da prisão da Ilha Grande tinha objetivo de produzir para o próprio estabelecimento. Enquanto que atualmente não, fabricam destinados ao mercado livre, e o rudimento da mão-de-obra é outra complicação.

Mas, o que quero não é nada disso, desejo dizer que um dia desses fui fotografar dentro do presídio, daqui da Ilha Grande, ao entrar encontrei com o funcionário; o "senhor funcionário" era o Francisco.

O B I T U Á R I O

Moacir Josué Coelho  
1937 - 2004



PARENTES e amigos prestam a última homenagem ao ex-guarda do Presí-  
dio Cândido Mendes. Detalhes da vida profissional na pag.seguinte...

## MOACIR JOSUÉ COELHO

Filho natural de morador do Alto da Parnaioca

Toda vida foi morador da Vila Dois Rios, veio do Alto da Parnaioca, na Baía da Ilha Grande, Município Angrense, Moacir Josué Coelho, de 67 anos, afastado para tratamento de saúde, faleceu por volta das 8h daquela quinta-feira, 09/12/2004, no seu apartamento, em Campo Grande no Rio de Janeiro. Ele estava com sérios cuidados médicos, em função de um problema coronário já sanado depois de uma cirurgia.

No início da década de 90, Moacir já havia sofrido uma lesão coronária e foi afastado de qualquer atividade para cuidar dos problemas de saúde. O Sub-diretor da Penitenciária, na época, Antônio Cordeiro da Gama, dos quadros da administração, que o manda substituir deixa o cargo em janeiro de 1990, quando João Pereira, assumiu a função até outubro pela administração do Cap. Delcir, com muito apoio dos funcionários auxiliares reassumiu o antecessor a sub-direção.

Moacir Josué Coelho já estava aposentado há mais de um (01) ano, tendo sido Agente Penitenciário lotado nos quadros administrativos da Penitenciária Cândido Mendes de 1955 a 1990 e, logo no início das funções passa a trabalhar na escala da cozinha do Estabelecimento, local este conhecido como o "rancho dos presos". No início da sua carreira, ainda, era a CADF e, ali exerceu diversas funções. E tornando-se o funcionário mais antigo do setor, conhecedor de toda a complexidade de um Estabelecimento Penal, confrontando com os mais temíveis dos marginais enclausurados. Em 1969, teve que enfrentar os marginais decretados pelo AI-5, mas, continuou no setor a frente de um trabalho de gosto. Abilidoso, enfrentou diver-

sas rebeliões de presos. em 1971 coordenou os setores de mais peso padaria, cozinha e refeitório do Estabelecimento Penal com cerca de 1050 presos, todos da alta periculosidade. Quando passou a defender a sua principal bandeira funcional: a emancipação do Rancho. Em 1973, conseguiu a separação das atribuições do setor de Preparo de Refeições, neste ano foi indicado, sendo o primeiro chefe do setor, com 46 internos em atividades laborativas.

O velório de Moacir aconteceu naquela mesma quinta-feira pela tarde numa das capelas do cemitério de luxo "Jardim da Saudade", da Zona Oeste no subúrbio entre os bairros de Paciência e Sepetiba e contou com a presença especial do Sr. Ivan, antigo motorista, aliás, o primeiro motorista contratado pelo seu presídio. Além do Sub-oficial da Polícia Militar, Silvino. Depois, a urna desfilou em carro necropolitano por alamedas, seguido do cortejo reservado a poucas pessoas, sob um ar quieto nenhum movimento permitia se medir o pulso - e os efeitos - de determinadas circunstâncias. Ora de peso, relativamente, molhado de choro misturado a chuva que caía no sepulcro. Naquele dia, a história do amigo que se foi poucos comentavam o choque em voz alta. Neste casos giravam as conversas com discrição, como se estivessem no interior de uma catedral. Havia porém, os ruídos dos céus. O filho da Parnaioca foi sepultado às 15h 40 no cemitério de família que ali adquiriu seu túmulo particular.

Moacir foi sepultado ao lado da Praça da Meditação, e deixou para trás um lastro de lembrança entre os seus povoados - Vila Dois Rios e Parnaioca, e a saudade eterna de companheiros e amigos.

**LAZARETO** - Edifício para quarentena de pessoas sujeitas de contágio, construído em 1800 na Ilha Grande, inicialmente na Ponta Grossa próximo ao Abraão, para estrangeiros europeus; em 1860 foi transferido para a Praia Preta e funcionou até 1910, aí o prédio transformado na sede da Colônia Penal Cândido Mendes. Como presídio funcionou até 1963. Eleito Carlos Lacerda para governo do Estado, sua bandeira decretou a desativação e demolição da instalação e transferência para Dois Rios.